

ENCONTRO COM JOSÉ SARAMAGO NO PARLAMENTO EUROPEU

Bruxelas, 23 de Março de 1999

Texto publicado em:

A Aurora do Lima (Viana do Castelo, Portugal), Ano 144, No 38, 21 Maio 1999, pp. 1, 3

ooo

Em 23 de Março de 1999, José Saramago fez a sua primeira visita ao Parlamento Europeu desde o momento histórico que o consagrou como o primeiro escritor português a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura. O romancista, que já tem 76 anos, dirigiu a palavra a eurodeputados, funcionários europeus e membros do público, no quadro de um encontro-debate organizado pelo grupo parlamentar GUE (Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia), por uma iniciativa dos seus membros portugueses.

O encontro, ao qual afluíram mais de 300 pessoas, foi presidido pelo eurodeputado espanhol Alonso Puerta, presidente do grupo; a interpretação foi assegurada para a quase totalidade das línguas comunitárias. Apresentando o laureado do Nobel, o deputado Puerta frisou que José Saramago é uma figura não só literária mas também política, ‘um homem de total compromisso’ cujo empenhamento com o Partido Comunista Português é conhecido de todos; considerou, ainda, que o seu Nobel significara um triunfo tanto para o próprio escritor como para a língua portuguesa.

O eurodeputado Sérgio Ribeiro, amigo íntimo do galardoado, proferiu uma oração na qual homenageou José Saramago em nome do GUE, salientando, aliás, a sua enorme satisfação pela sua presença e pelo Nobel, o qual viera reparar uma injustiça histórica. Leu um pequeno extracto de ‘A Jangada de Pedra’, e não deixou de sublinhar a forma magistral como o autor satiriza o discurso do poder e os formalismos da burocracia. Frisou, ainda, a circunstância de os romances de José Saramago mergulharem profundamente na vida real, ao mesmo tempo que comunicam uma mensagem vincada de esperança para a Humanidade.

José Saramago começou o seu discurso por uma evocação do universo contemporâneo da burocracia, acima do qual paira a figura de Franz Kafka. Segundo o Nobel da Literatura, se há três escritores que resumem o espírito do século XX, são estes: Kafka, que desvendou ‘a vertigem burocrática do mundo’, a desumanização que opera nas nossas sociedades; Fernando Pessoa, que percebeu que o ‘eu’ individual é, na realidade, múltiplo; e Jorge Luis Borges, que criou uma literatura ritual anunciando um mundo, também ele, ritual. Explicou que no seu próprio romance, ‘Ensaio sobre a Cegueira’, tentara exprimir a sua percepção dessa realidade moderna desumanizadora que foi vaticinada pela obra de Kafka, tendo sido o seu objectivo principal naquele romance ‘a denúncia de uma relação humana pervertida’. Uma série de realizadores de cinema já lhe tinham solicitado permissão para filmar essa obra, mas a sua resposta fora, até à data, sempre negativa; a sua sensação era que um filme desse seu livro ia reduzi-lo a um mero espectáculo de sexo e violência, esvaziando-o - tal como já acontecera com ‘O Nome da Rosa’ de Umberto Eco - de todo o seu conteúdo intelectual.

O escritor exprimiu o seu habitual descontentamento com a condição do nosso mundo, onde, no seu entender, impera um espírito ‘pelo menos conservador, se não reaccionário’. O Estado deveria ser respeitoso do indivíduo, e cada indivíduo deveria respeitar a alteridade essencial do Outro. Explicou que o seu último romance, ‘Todos os Nomes’, a história de um funcionário do registo civil num país imaginário, não especificado, deve ser lido como uma

meditação sobre essa mesma alteridade: o Outro, que tantas vezes aparece como o nosso adversário, poderá revelar-se como o meio pelo qual cada um de nós pode chegar, finalmente, a si próprio.

José Saramago frisou que a escrita empenhada não significa a obrigação de fazer uma literatura moralista: antes pelo contrário, a sua obra inteira constitui uma tentativa de mostrar ao leitor que tipo de homem é ele, José Saramago, e de oferecer a sua particular visão do mundo aos outros. A literatura não vai salvar o mundo, mas ela é composta de uma multiplicidade de experiências e sofrimentos humanos. O laureado do Nobel denunciou, com grande eloquência, a sociedade neoliberal dos nossos dias, na qual ‘nascem não confere nenhum direito’ - um mundo que já se tornou absurdo, até kafkiano, graças à ‘contaminação das relações pela perversão do humano’. Concluindo, afirmou a primordial vocação humanista do escritor, e declarou que o ofício de escritor é o ofício de ser homem ou mulher, de ser humano.

Seguiu-se um debate animado e plural, com a participação de numerosos eurodeputados e de outros elementos do público. Houve perguntas de cariz político, e outras de índole mais especificamente literária. A uma pergunta relacionada com a ausência do País Basco francês da topografia imaginária de ‘A Jangada de Pedra’, respondeu o romancista que a obra em questão versava sobre a Península Ibérica e não sobre outras áreas geográficas. A uma outra pergunta, acerca de ‘O Ano da Morte de Ricardo Reis’ e o alheamento intelectual do seu protagonista, José Saramago explicou que escrevera aquele romance com uma finalidade dupla: a de repudiar o posicionamento de um certo tipo de intelectual, aquele que se quer ‘não empenhado’ - e, ao mesmo tempo, a de fazer as pazes, num plano pessoal, com esse mesmo modo de ver o mundo. Em resposta a uma pergunta sobre a intertextualidade entre os seus próprios romances - como sejam as referências, no texto de ‘O Ano da Morte de Ricardo Reis’, a personagens e eventos de ‘Memorial do Convento’ - o autor exprimiu a crença de que todos nós somos seres intertextuais, e sugeriu que é, de facto, perfeitamente legítimo afirmar-se que todos os seus livros são ‘capítulos de um só livro’.

Não é todos os dias que se debate a Literatura no Parlamento Europeu, e muito menos na forma inteligente e coerente na qual um dos maiores escritores vivos da nossa Europa soube iluminar múltiplos aspectos da sua própria obra, nesse fecundo diálogo com o público. Num local que é geralmente considerado como um teatro de debate político, a visita de José Saramago contribuiu para esclarecer a articulação - complexa, dinâmica e nunca redutível aos dogmas - entre o literário e o político, entre o universo da arte e o mundo das lutas humanas de todos os dias: articulação da qual o grande escritor e Prémio Nobel português se nos afigura, pelo seu trabalho de escritor e pela sua actividade prática, como um expoente de máximo valor para os tempos difíceis em que vivemos.